

A HIPERSENSIBILIDADE SENSORIAL TÁTIL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ANÁPOLIS ENTRE 2018 E 2019: UM ESTUDO RETROSPECTIVO

Ana Luiza Teles Taveira Moura¹
Karla Cristina Naves de Carvalho²
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA^{1,2}

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve déficits na comunicação, interação social e padrões repetitivos, frequentemente associados a alterações sensoriais, como a hipersensibilidade tátil. **Objetivo:** Investigar a prevalência e o manejo da hipersensibilidade tátil em crianças com TEA atendidas na APAE de Anápolis entre 2018 e 2019. **Método:** Estudo retrospectivo descritivo baseado em prontuários de crianças com TEA. Foram coletados dados sociodemográficos, presença de hipersensibilidade tátil, terapias utilizadas e resposta clínica. **Resultados:** Dos 377 prontuários avaliados, 48 correspondiam a crianças com TEA, majoritariamente do sexo masculino. A hipersensibilidade tátil foi identificada em 25% dos casos. A maioria recebeu tratamento medicamentoso e terapias multidisciplinares, de todos os pacientes com TEA, houve melhora clínica registrada em 72,9%, já os com hipersensibilidade tátil, melhora de 83,3%. **Conclusões:** A hipersensibilidade tátil é frequente em crianças com TEA e seu manejo integrado, associando terapias medicamentosas e multidisciplinares, mostrou-se eficaz.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Criança; Hiperestesia.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como um dos principais distúrbios globais do neurodesenvolvimento, caracterizado por comportamentos repetitivos e restritivos, afetando áreas essenciais^{1,2}. Estudos recentes indicam alterações sensoriomotoras que podem resultar em déficits nas habilidades sociais e comunicativas^{3,4}.

A sensibilidade é a capacidade percepção e resposta a estímulos internos e externos. Indivíduos com TEA demonstram uma atenção altamente seletiva e dificuldade de modulação sensorial, que gera sobrecarga e resulta em hipersensibilidade em diferentes modalidades^{5,6}.

O sistema tátil, por sua vez, refere-se à percepção sensorial relacionada ao toque, pressão, sensibilidade à dor e sensibilidade térmica, que é mediada pela pele. Indivíduos com TEA podem experimentar hipersensibilidade tátil, seja em forma de alodinia ou hiperestesia^{7,8,9}.

Portanto, o presente estudo tem o objetivo de avaliar quantidade de crianças com TEA que possuem hipersensibilidade tátil na cidade de Anápolis, Goiás.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo retrospectivo descritivo, baseado em prontuários, realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Anápolis (APAE Anápolis). A amostra foi composta por conveniência. Foram selecionadas crianças com diagnóstico confirmado de TEA, com idade entre 3 e 17 anos no período de acompanhamento, entre os anos de 2018 e 2019. Foram excluídos prontuários com diagnóstico não confirmado ou em investigação, dados incompletos para análise, crianças com deficiências neuromotoras graves que podem dar viés à análise da hipersensibilidade tátil.

Este trabalho dispensa o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por se tratar de análise retrospectiva de prontuários. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer de aprovação nº 7.457.881. Para a coleta de dados, foram utilizados os prontuários da APAE Anápolis incluídos no arquivo morto da unidade, que fizeram terapias vinculadas à instituição nos anos de 2018 e 2019. Foram recolhidas informações como idade, sexo, padrão de sensibilidade e tipo de tratamento ofertado.

Os dados coletados foram inseridos em uma planilha eletrônica do aplicativo *Microsoft Excel* e cada variável foi codificada para permitir a tabulação e análise quantitativa. Em seguida, calculou-se a frequência de cada categoria e a proporção dos que apresentam hipersensibilidade tátil em relação ao total de crianças acompanhadas. Posteriormente, avaliou-se a distribuição dos tipos de tratamento implementados, bem como a resposta entre os diferentes grupos.

O benefício direto é o esclarecimento eventuais dúvidas que podem surgir durante a pesquisa. O benefício indireto é de contribuição para o avanço do conhecimento na área neuropediátrica. Os riscos existentes acerca da pesquisa são a quebra de sigilo e constrangimento, minimizados pela omissão de dados de identificação, armazenamento seguro e acesso restrito aos prontuários.

RESULTADOS

O presente estudo teve como objetivo investigar a prevalência e o manejo da hipersensibilidade sensorial tátil em crianças com TEA acompanhadas pela APAE Anápolis entre 2018 e 2019.

A amostra composta por conveniência, de modo que foram entregues pela instituição 377 prontuários do arquivo morto, sem distinção de patologias dos pacientes. Destes, 48 se encaixavam nos critérios selecionados. Obteve-se, portanto, uma amostra final de válida de 12,73% de pacientes com diagnóstico de TEA entre 3 e 17 anos, atendidos nos anos 2018 e 2019 na APAE.

Conforme apresentado na **Tabela 1**, a amostra foi majoritariamente composta pelo sexo masculino. A faixa etária predominante de atendimento foi entre 3 e 9 anos (n=37), sendo mais prevalente o atendimento de pacientes de 4 anos de idade.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos pacientes com TEA entre 3 e 17 anos atendidos na APAE em 2018 e 2019.

Questão	Resposta	n	%
Idade *	3 anos	6	12,5
	4 anos	8	16,7
	5 anos	5	10,4
	6 anos	4	8,3
	7 anos	6	12,5
	8 anos	3	6,3
	9 anos	5	10,4
	10 anos	3	6,3
	11 anos	1	2,1
	12 anos	1	2,1
	13 anos	1	2,1
	14 anos	1	2,1
	15 anos	0	0
	16 anos	2	4,2
	17 anos	2	4,2
	Sexo	Feminino	11
Masculino		37	77,1

Legenda: valores expressos em número de prontuários com descrição de TEA (n). *Foi considerada a idade em 2018. Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A pesquisa evidenciou que 25% (n=12) das crianças diagnosticadas com TEA apresentam hipersensibilidade tátil. Destas, a maioria foi composta pelo sexo masculino (n=8, 66,7%).

Ao verificar as terapias utilizadas nos pacientes, conforme apresentado na **Tabela 2**, a maioria utilizou terapia medicamentosa (n=30, 62,5%). Dentre as medicações mais utilizadas, estão risperidona, aripiprazol, periciazina e ácido valproico, metilfenidato, respectivamente. Muitas medicações foram utilizadas em politerapia. Em relação às terapias multidisciplinares, a maioria (n=47, Mel foi submetida, sendo os serviços de fonoaudiologia, psicoterapia e terapia ocupacional os mais utilizados.

Tabela 2. Frequência de terapia utilizada para pacientes com TEA em acompanhamento na APAE em 2018 e 2019.

Questão	Resposta	n	%
Utilizou terapia medicamentosa	Sim	30	62,5
	Não	18	37,5
Medicações utilizadas	Periciazina	9	30
	Risperidona	12	40
	Fluoxetina	2	6,66
	Ácido valproico	9	30
	Aripiprazol	11	36,66
	Metilfenidato	7	23,33
	Sertralina	6	20
	Topiramato	5	16,66
	Haloperidol	2	6,66
	Quetiapina	1	3,33
Terapia multidisciplinar	SIM	47	97,91
	NÃO	1	2,08
	Fonoaudiologia	46	97,87
	Psicoterapia	45	95,74
	Terapia ocupacional	41	87,23
	Musicoterapia	32	68,08
	Fisioterapia	3	6,3
	Nutrição	7	14,89
	Pedagogia	12	25,53

Legenda: valores expressos em número de prontuários com descrição de TEA (n). Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Além disso, em relação à melhora clínica geral com o tratamento implementado, referida no prontuário da APAE, evidenciou-se que 72,9% (n=35) dos pacientes melhoraram os sintomas referidos. Ao se tratar dos pacientes com hipersensibilidade tátil, seja hiperestesia ou alodinia, dos 12 pacientes que apresentaram este sintoma, 10 melhoraram com o tratamento implementado, ou seja, uma eficácia de 83,3%.

CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a hipersensibilidade tátil esteve presente em um quarto das crianças com TEA atendidas na APAE Anápolis entre 2018 e 2019, com predominância no sexo masculino. A maioria dos pacientes foi submetida a tratamento medicamentoso associado a terapias multidisciplinares, o que se mostrou eficaz, uma vez que mais de 72,9% dos prontuários analisados registraram melhora clínica, incluindo 83,3% dos casos com hipersensibilidade tátil.

Apesar dos achados relevantes, a amostra foi pequena e obtida por conveniência, o que limita a generalização dos resultados. Dessa forma, são necessários novos estudos, com populações maiores e metodologias ampliadas, para melhor compreender a relação entre hipersensibilidade tátil, características clínicas do TEA e a resposta terapêutica em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014. 948 p. Título original: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. DOI: 10.1176/appi.books.9780890425596.
- ²COLA, Cláudio dos Santos Dias *et al.* Hipersensibilidade sensorio-perceptual que acomete autistas descrita na literatura e observada no Centro de Atendimento Clínico de Itaperuna (CACI): um estudo comparativo. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 3, n. 2, p. 74-84, 2017. DOI: 10.20951/2446-6778/v3n2a5.
- ³CAMINHA, Roberta Costa. Autismo: um transtorno de natureza sensorial?, **Psicologia Clínica**, v. 21, n. 1, p. 231, 2009.
- ⁴BORGES, Ada Maria Farias Sousa; RIBEIRO, Erlane Marques; SANTOS, Lílian Samara de Aquino. Transtorno do espectro autista, **Apae Ciência**, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2017.
- ⁵GOMES, Erissandra *et al.* Hipersensibilidade auditiva em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 62, n. 3b, p. 797-801, 2004. DOI: 10.1590/S0004-282X2004000500011.
- ⁶FERREIRA, Catarina Isabel Rio. **Etiologia e fisiopatologia da perturbação do espectro do autismo – revisão narrativa da literatura**. 2020. 36 f. Tese (mestrado integrado em medicina) – Faculdade de Medicina de Lisboa, Universidade de Lisboa, 2020.
- ⁷SILVA, E. R. *et al.* Processamento Sensorial: Nova Dimensão na Avaliação das Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.3, n.1, p. 62-76, 2016. DOI: 10.36311/2358-8845.2016.v3n1.07.p62.
- ⁸FRAGOSO, Sofia Condado Macieira. **Perfil sensorial nas crianças com perturbação do espectro do autismo**. Orientador: Isabel Ferreira. 2013. 21 f. Tese (Mestrado em terapia ocupacional) – Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, 2013.
- ⁹MACIEL, Suzyanne Xavier. **Padrões oscilatórios espontâneos no córtex somatossensorial em modelo de autismo**. Orientador: Rodrigo Neves Romcy Pereira. 2017. 65 f. Tese (Mestrado em Neurociências) – Programa de Pós-Graduação em Neurociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2017.